

A contemporaneidade na visão de Zygmunt Bauman e Edgar Morin

Por Sonia Montañó

A noite do *Fronteiras do Pensamento* do dia 8 de agosto foi palco de um encontro histórico com dois dos maiores pensadores do presente: o sociólogo polonês Zygmunt Bauman e o antropólogo e filósofo francês Edgar Morin. O primeiro, através de um vídeo gravado com exclusividade para o *Fronteiras* na sua residência em Londres no dia 25 de julho de 2011. O segundo, com sua presença no palco trazendo provocantes análises e um convite para a esperança: a humanidade pode estar num período de metamorfose, gestando um mundo melhor.

Zygmunt Bauman: a pós-modernidade é passagem ou início de uma era?

O sociólogo polonês abriu sua entrevista falando sobre a dificuldade de dizer qual, no século 20, foi a mais importante e mais duradoura herança para as próximas gerações. O que aconteceu no século 20 foi uma passagem de toda uma era da história mundial, ou seja, da sociedade de produção para a sociedade de consumo. Por outro lado, houve os processos de fragmentação da vida humana. “Quando eu era jovem, isto é, séculos atrás, ficamos impressionados com Jean-Paul Sartre, que nos disse que precisávamos criar o *projet de la vie*, projeto de vida. Temos que selecionar um projeto de vida, temos que prosseguir passo a passo, de forma consistente, ano após ano, chegando cada vez mais próximo desse ideal. Agora, conte isso aos jovens de hoje e eles rirão de você”, enfatizou Bauman. Para ele, o projeto de vida hoje, de uma vida inteira, é algo difícil de acreditar. A vida é dividida em episódios. Não era assim no início do século 20.

As sociedades foram individualizadas. Em vez de se pensar em termos de a qual comunidade se pertence, a qual nação se pertence, a qual movimento político se pertence etc., tendemos a redefinir o significado de vida, o propósito de vida, a felicidade na vida para o que está acontecendo com uma própria pessoa, as questões de identidade, que têm um papel importante hoje no mundo. “Você tem que criar a sua própria identidade. Você não a herda. Você não apenas precisa fazer isso a partir do zero, mas tem que passar sua vida, de fato, redefinindo sua identidade”, explicou o professor.

O fim da pós-modernidade?

Houve no século 20 muitas mudanças, não apenas a passagem do totalitarismo para a democracia, mas muitas outras coisas. No final do século 20, houve a passagem do Estado social para o Estado neoliberal, em que cada indivíduo tem que encontrar soluções individuais para problemas produzidos socialmente. “Isso vai durar ou não? Vamos voltar ao hábito de pensar em termos de toda a sociedade, o nosso país, Brasil, a comunidade à qual pertencemos, o nosso bairro, a nossa cidade? Essa é uma grande pergunta. É muito difícil dizer se o neoliberalismo é apenas um fenômeno ou se é o início de uma era”, perguntou o sociólogo. A mesma pergunta Bauman formula em relação à pós-modernidade, tendo grandes dificuldades para dizer se foi o início de uma nova forma de vida, que vai durar séculos, ou se é um período de transição, de um tipo de ordem social para outro tipo de ordem social. “Quando você está num processo de transição, fica muito difícil imaginar outro tipo de solução estável, um acordo de convivência humana. Mas isso vem mais cedo ou mais tarde. E até mesmo essa pergunta não dá para responder”, disse o entrevistado.

A interdependência e o problema ecológico

Para Bauman, duas questões seriam irreversíveis. Teríamos multiplicado, nós, a humanidade no planeta, as conexões, as relações, as interdependências, as comunicações, espalhadas em todo o mundo. Estamos agora numa posição em que todos nós dependemos uns dos outros. “O que ocorre na Malásia, quer você saiba ou não, sinta ou não, tem uma tremenda importância nas perspectivas de vida dos jovens em São Paulo. E vice-versa. Essa é a primeira vez na história em que o mundo é realmente um único país, em certo sentido”, explicou o sociólogo. Isso coloca na agenda o problema, não de construir um Estado-nação, não de construir uma comunidade local de qualquer tipo, mas de construir uma comunidade da humanidade.

A segunda questão é que, aproximadamente após 300 anos de história moderna, nossos antepassados decidiram assumir a natureza sob a gestão humana na esperança de que eles fariam com que a natureza obedecesse absolutamente às necessidades humanas e teriam pleno controle do que acontecesse no mundo. Agora, isso acabou, porque, no resultado dos nossos próprios sucessos, as nossas respostas para os nossos sucessos, o desenvolvimento da tecnologia moderna, a eficiência, ou a nossa capacidade de produzir cada vez mais, alcançar todos os tipos de recursos naturais do planeta, no resultado de todo esse sucesso da ciência e da sociologia, chegamos muito perto dos limites da suportabilidade do planeta.

O Estado e o poder

O poder teria evaporado do nível do Estado-nação para o que Manuel Castells, sociólogo espanhol, chama de “espaço de fluxos”. De fluxos significa que há movimentação ilimitada de capitais, de planos de investimentos, de *commodities*, de informações, de terrorismo, de comércio de armamentos, e também de criminalidade etc. Então, o poder, a capacidade de fazer coisas, frequentemente fica fora do alcance da política local. E por política local não se faz referência apenas à política municipal, pois a política do Estado, agora, nestes tempos de globalização, é uma política local.

Ele não pode impedi-los, não pode controlá-los, não pode forçá-los a se comportarem apropriadamente, porque a política até agora continua local. Existe a política brasileira, a política chilena, a política argentina, a política francesa etc. Às vezes, há alguns começos de política europeia, mas muito pouco. Normalmente, ela é dividida em francesa, alemã, italiana etc. Nem mesmo é internacional, é intergovernamental, interministerial. Porém, realmente global, que seja vinculante para todo o globo, isso não existe.

A democracia

O Estado não tem poder suficiente para manter todas as promessas que os Estados, 50 anos atrás, fizeram aos cidadãos. E essa foi a “era de ouro” da democracia. Nos 30 anos do pós-guerra, ocorreu uma proliferação e florescimento da democracia ideal. Agora, a democracia está em decadência. Cada vez menos pessoas estão realmente convencidas de que seja uma coisa boa. E têm dúvidas a respeito da qualidade da democracia. Isso porque o Estado relativamente sem poder consegue oferecer cada vez menos aos cidadãos. Ulrich Beck, um escritor bastante influente e sociólogo alemão, aponta que, na sociedade contemporânea, espera-se que os indivíduos encontrem individualmente, usando inteligência individual e recursos individuais, soluções individuais para problemas comuns e produzidos socialmente. “E, se esse for

o caso, por que eu deveria me preocupar com os governos, por que eu deveria me preocupar com as eleições, por que eu deveria me preocupar com as democracias adequadas? Realmente, não há motivo. Esse é o perigo”, alertou Bauman.

Indivíduo

Para o sociólogo, a maior aproximação contemporânea da *Ágora*, do lugar onde a democracia foi feita e protegida, são os *talk shows* televisivos. “É onde as massas assistem, participam, telefonam, enviam perguntas, mensagens etc. Algo semelhante ao que se fazia na antiga *Ágora*. Ao olharmos para isso, vemos que eles não estão discutindo os nossos interesses compartilhados, não estão discutindo o bem-estar da sociedade, eles não estão discutindo sobre o que precisa ser feito para abolir e reparar os problemas que todos nós sofremos na sociedade atual. Eles apenas confessam, em última análise, os problemas privados individuais e bastante íntimos”, disse o polonês. Ele lembrou que para Alain Ehrenberg, sociólogo francês, a revolução pós-moderna começou numa quarta-feira à noite, num outono da década de 1980, quando uma certa Vivienne, uma mulher comum, na presença de 6 milhões de telespectadores, declarou nunca ter tido um orgasmo durante seu casamento, porque seu marido, Michel, sofria de ejaculação precoce. Repentinamente, na *Ágora*, as pessoas começaram a confessar coisas que eram a personificação da privacidade, a personificação da intimidade. “Então, a *Ágora* foi conquistada, não pelos regimes totalitários, mas exatamente pela privacidade, por coisas que anteriormente eram privadas”, insistiu Bauman.

Redes e laços sociais

Ele encerrou sua entrevista abordando as diferenças entre redes e laços sociais, e a tensão entre liberdade e segurança: para alcançar uma tendemos a abrir mão da outra. Ele lembrou que, quando jovem, não tinha o conceito de “redes” e sim de laços humanos, de comunidades. A comunidade precede o indivíduo e é difícil entrar e sair dela, diferente da rede. A rede é feita e mantida viva por duas atividades diferentes. Uma é conectar e a outra é desconectar. “E eu acho que a atratividade do novo tipo de amizade, o tipo de amizade do Facebook, como eu a chamo, está exatamente aí: que é tão fácil de desconectar”, disse o pensador.

Edgar Morin e a crise da globalização

A presença de Edgar Morin no palco do *Fronteiras* demonstrou como a lucidez e a vitalidade física que o caracterizam não diminuíram apesar das nove décadas completas no último dia 8 de julho: ele falou em pé durante mais de uma hora, cativando a atenção de toda a plateia. O antropólogo começou descrevendo uma série de realidades que hoje estão em crise. Crise econômica, das sociedades modernas, da sociedade ocidental, das sociedades tradicionais, de desenvolvimento, crise demográfica, impotência do pensamento para entender o que está acontecendo. “A crise é da humanidade, que não consegue se tornar humanidade porque todos os processos que a conduziram a levaram a uma catástrofe”, disse o conferencista.

Para ele, precisamos não só proteger os estados nacionais, mas criar realidades supranacionais para tratar dos problemas comuns. A ONU não estaria dando conta de problemas como a eliminação das armas em massa, da economia ou da biosfera. Encontramo-nos diante de algo estranho, e é provável que o curso atual da globalização nos leve à catástrofe.

A probabilidade

Para o francês, se o curso continuar com a força que tem no presente, as probabilidades serão catastróficas. Mas na história humana muitas vezes aconteceu o inesperado, o improvável. “A democracia foi um acontecimento improvável que surgiu em Atenas. No início do século V existiu um enorme império persa que desejava conquistar Atenas. Mas os cidadãos conseguiram expulsar o gigantesco exército persa. Tomaram Atenas, queimaram e destruíram. A frota grega preparou uma armadilha e afundou os navios persas. Atenas se restabeleceu e, 40 anos depois, surgiu a democracia”, disse Morin. A democracia, através de todos os percalços históricos, se transformou numa força em escala mundial; portanto, o improvável pode acontecer.

Entre os exemplos de improváveis que se transformaram em grandes movimentos provocando mudanças de rumos, Morin lembrou o príncipe Buda, Jesus e o cristianismo espalhado por Paulo de Tarso, Maomé, mas também os inícios da ciência e de sistemas como o socialismo.

Desintegração ou metamorfose?

Quando um sistema não consegue tratar seus problemas fundamentais, ou se desintegra, ou regride e se torna bárbaro, ou cria um metassistema e se metamorfosea. Metamorfose, palavra reservada aos insetos, mostra uma transformação. A larva ganha asas. Cada um de nós, quando está no ventre da mãe, é uma espécie de animal aquático que não conhece o ar, e ao nascer sofre uma metamorfose. O planeta, durante milhões de anos, foi coberto por pequenas sociedades de caçadores sem organização, mas depois os processos recriaram a Terra e vimos surgir sociedades com belezas e barbáries. A humanidade conseguiu se metamorfosear para o melhor ou para o pior. A metamorfose só acontece no curso de um processo que ainda é desconhecido.

Globalizar e desglobalizar

Já houve vozes que se levantaram dizendo que é necessário desglobalizar, pelo empobrecimento do regional e a perda do sentido comunitário. Para o filósofo, é necessário ao mesmo tempo globalizar e desglobalizar. Acostumados a um pensamento binário, é difícil imaginar essa possibilidade, mas ela é necessária. Os meios de subsistência de um país devem ser preservados. Em certos casos, proteger as mercadorias com taxas alfandegárias para proteger os trabalhadores da exploração. É preciso envolver e desenvolver. Devemos conservar a identidade aceitando o que vem do mundo exterior. O Ocidente trouxe a ideia de democracia, liberdade, valorização da mulher, mas destruiu sentidos de solidariedade e comunidade. Um exemplo dado pelo conferencista é o da necessidade de integração da medicina, onde a medicina moderna leve em conta a medicina milenar da China ou dos povos indígenas. É necessário integrar das culturas tradicionais qualidades como a harmonia com a natureza, valores como a cortesia, a cordialidade.

Para harmonizar ambos os movimentos de globalização e desglobalização, seria necessário um decrescimento ou crescimento negativo do ponto de vista econômico e energético. “Gastar menos energia. A economia verde, baseada em energias limpas, deve crescer e tornar as cidades mais suportáveis, reduzindo o tráfego, gerando o comércio justo. Precisamos de uma economia solidária, que vença o domínio da perspectiva de ganho”, salientou o filósofo. Para o conferencista, embora haja

iniciativas criadoras, elas estão dispersas e desconexas. Entre os exemplos, ele lembrou do banco Palmas de Fortaleza, onde o microcrédito contribuiu para formar uma cidade de 3 mil habitantes que não tinham condições básicas de vida e agora vivem muito bem. Lembrou também da formação de uma orquestra na Venezuela para combater a criminalidade juvenil. Iniciativas transformadoras, mas dispersas.

O bem-viver

Morin lembrou que para Rousseau educar é ensinar a enfrentar os problemas da vida, aprendendo a enfrentar as incertezas, a vencer as armadilhas do conhecimento. “Precisamos reformar o pensamento, e naturalmente o pensamento político, que as pessoas aprendam a ter uma nova ideia de mundo. Precisamos reformar nossas vidas condenadas a ser cronometradas e monótonas”, disse o francês. A vida devia estar polarizada pelo polo da prosa e pelo polo da poesia. A prosa da vida é o que nos vemos obrigados a fazer, que nos entristece, nos contraria mas fazemos para sobreviver. A poesia é o que nos faz viver. Está no amor, na amizade, na comunhão, no lúdico, na dança, no êxtase. “A felicidade não é possível produzi-la, depende de condições externas e internas para se realizar. Contudo, uma política pode criar condições para evitar infelicidade, pode favorecer a abertura ao crescimento poético da vida”, insistiu o conferencista. Ele lembrou que para Hegel compreender a outra pessoa é compreender a complexidade do ser humano.

Morin preferiu a ideia do bem-viver à ideia de bem-estar. “Claro que o bem-estar materializado é útil, mas há uma parte de nossa pessoa que deseja mais que o bem-estar material. Algo que nos permite estar mais em harmonia com o mundo e conosco”, afirmou o antropólogo. Há um mal-estar que está sendo vivido no bem-estar material, por isso é preciso saber viver poeticamente.

Para Morin, tudo o que foi tentado em pequenas comunidades fracassou, exceto quando estavam unidos por ideias religiosas e rituais. Comunidades se desintegraram porque havia um ambiente externo desfavorável sim, mas também porque as pessoas não conseguiam se entender. “Tudo deve ser reformado ao mesmo tempo, todas as reformas são intersolidárias. Esse processo poderá permitir a criação de um novo caminho e fazer com que o antigo caminho se desintegre. São as únicas condições de chegar a algo que dê as possibilidades de seguir a aventura humana”, disse o conferencista.

Morin encerrou sua conferência lembrando que hoje toda a humanidade está embarcada nos mesmos problemas. “Hoje não é uma questão de defender privilégios e esquecer os que sofrem, é defender a causa de toda a humanidade, e não há uma classe privilegiada que vai segurar a salvação. Digo para os jovens que eles têm uma causa mais justa, mais bela e maior que aquela pela qual estávamos dispostos a sacrificar nossa vida. A esperança não é uma certeza. Antes a esperança era uma crença e resultou uma ilusão. Se existir a esperança, temos o fermento necessário para toda transformação, para alcançar uma metamorfose”, concluiu o filósofo.

No breve debate, Edgar Morin foi perguntado pelo lugar do Brasil nessa metamorfose e sobre os valores e projetos de vida pessoais. Ele respondeu que o Brasil tem um lugar privilegiado pela sua riqueza de biodiversidade humana e natural. “Um lugar onde o humanismo se pode desenvolver, país onde a criatividade é possível, onde a aventura humana pode se desenvolver. Ao ver isso, penso que poderia me instalar no Brasil”, brincou o conferencista. Sobre os valores mais importantes, ele assinalou o amor e o conhecimento, e estes mesmos são seus planos aos 90 anos, continuar trilhando esse caminho.